

CAROLINA

Aline Souza da Cruz¹

Carolina é a típica mulher que acorda todo dia às 4h30 min e é tragada pela rotina da vida diária. Deixa pronto o almoço dos filhos, monta a marmita do marido que gasta a vida em uma obra no centro da cidade, e nos finais de semana, o dinheiro nos botequins. Carolina trabalha como doméstica de segunda a sábado na residência de distinta dama da sociedade.

Espreme-se no coletivo junto das infinitas carolinas, sobejadas pelas angústias e lutas, no trajeto diário para o trabalho. O alento era a leitura de uns continhos bestas, povoados de castelos, príncipes e princesas que transportavam Carolina para uma terra em que a realização de seus desejos era possível.

A patroa de Carolina não era uma má pessoa, afeita à caridade, dispunha à empregada roupas e acessórios usados e alguns alimentos que já não lhe serviam ao consumo refinado. Para facilitar as orientações sobre os afazeres da casa, comprara-lhe um telefone celular.

Além de fazer fotos dos filhos, dos pratos que cozinhava diariamente, das *selfies* permitidas pela câmera frontal do aparelho, Carolina pode singrar o fantasioso e convidativo mundo virtual. Era a morfina que anestesiava os dias tão iguais. No universo das possibilidades e perfeito das redes sociais, Carolina conheceu Eduardo.

A foto do perfil, um rapaz de sorriso largo, dentes perfeitos e olhos brilhantes de jabuticaba madura, atraiu e encantou Carolina. Os dias seguiam em sequência recíproca de *likes*, corações e florzinhas cintilantes, e Eduardo se mostrara disposto a ouvir e consolar Carolina. Apesar das reservas por causa dos filhos e do marido traste, Carolina foi uma presa fácil.

As juras de Eduardo traziam as terras de fantasias dos contos que outrora lia para o coração de Carolina. Imagina-se morando em um castelo com seus filhos bem vestidos e felizes de braços dados ao seu príncipe de belos dentes.

Marcaram um encontro numa tarde de domingo, Eduardo decidiu o lugar, se encontraram na estação no centro da cidade e depois seguiram para uma chácara de amigos. Carolina, dentre os melhores presentes dados pela patroa, escolheu a inebriante echarpe vermelha que contrastava com seus volumosos cachos escuros.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (PPGLetras/UFT), campus de Porto Nacional. E-mail: aline.alicruz@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1781-2139

Eduardo a recebera com o já conhecido sorriso. Ah, bela viola, já dizia o ditado! O local era afastado da cidade, de uma beleza exótica em meio a natureza.

Estava feito. Carolina se abriu ao amor. Por longas horas esquecera da dura realidade vivida e deixou-se habitar aquele castelo. Contaram segredos, juras eternas foram feitas. Firmes promessas de que dali em diante tudo seria diferente. Tomaria nos braços os filhos ao chegar em casa e seguiria uma nova direção.

No caminho, de volta para a cidade, Carolina entregou às emoções daquele encontro, levemente embriagada pela taça de vinho que Eduardo insistiu que tomasse, não se importava com o percurso, era Eduardo que a conduzia e ela confiava. E nessa confiança fechou levemente os olhos e mergulhou numa doce mistura de sono e ilusão.

Na manhã de segunda, nem o almoço dos filhos nem a marmitta do marido estavam prontos, o celular de Carolina tocava perto do seu corpo em meio a grama verde à beira da estrada. “Tanto era bela no seu rosto a morte”, a echarpe vermelha encobria as marcas de estrangulamento que Eduardo deixara em seu pescoço. O vento tremulava o fino tecido e os cabelos de Carolina, seu semblante denunciava uma alma que alcançara o caminho de casa.

*Recebido em 14 de abril de 2021
Aceito em 09 de outubro de 2021*